

## **EDUCAÇÃO E DESAPRENDIZAGEM: A PEDAGOGIA ANARQUISTA DE LIMA BARRETO**

**Rogério Humberto Zeferino Nascimento**  
Universidade Federal de Campina Grande – PB.  
Centro de humanidades  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais  
rogeriohznascimento@yahoo.com.br

### **Resumo**

Lima Barreto (1881-1922) é nome de destaque na literatura do Brasil contemporâneo. Quase sofreu apagamento da memória coletiva, tendo sido resgatado do esquecimento na década de 1950 pela primorosa pesquisa de Francisco de Assis Barbosa, seu maior biógrafo. Com a publicação em 1956 das *Obras Completas de Lima Barreto*, este quadro se reverte. Nas décadas seguintes são realizadas mais pesquisas. Estes estudos abordam seus textos com recortes temáticos variados. A importância de Lima Barreto transborda o campo da literatura, atingindo diferentes áreas das *Humanidades*. Seus escritos são registros das peculiaridades, conflitos, tensões e feições da sociedade em que viveu. São também corrosivos, com suas críticas, aos poderes discricionários, aos preconceitos sociais e raciais, às explorações. Toda a sua obra condensa a luta por justiça social, ocupando nela lugar de destaque a figura do negro, do suburbano, da mulher, do louco, do roceiro, enfim, a marginalia, como indicado no título de um de seus livros. Neste vasto campo de atuação, Lima Barreto também refletiu sobre educação. O teor destas reflexões é objeto de minhas ponderações neste artigo. Através da análise de livros e crônicas de Lima Barreto, é possível discernir uma literatura radical contendo procedimentos pedagógicos. Ao confrontar o pedantismo presente no bacharelismo em seu tempo, Lima Barreto colocou em andamento uma feição desconversada da educação: a *desaprendizagem*. O culto ao título, seja de doutor, deputado, barão, ou outro qualquer, deve ser abandonado, desaprendido. As condições para a construção de relações sociais crescentemente justas, livres e igualitárias passam por desaprendizagem, indisciplina e iconoclastia. Completando o painel educacional, a escola deve ser livre, onde o estudante seja considerado em sua personalidade, estudando o que a ele interessar, sem ambição de premiação nem medo de punição. Lima Barreto possui concepções educacionais dentro do anarquismo, onde não deve existir centralidade, esta que expressa 'arquia'.

**Palavras-chaves:** Literatura. Educação. Anarquismo. Desaprendizagem. Indisciplina

## Introdução

*Se a liberdade da vontade responde à ideia e ao desejo dos novos tempos, é preciso que a pedagogia tenha diante dos olhos, como ponto de partida e de chegada, a formação da livre personalidade! Humanistas e realistas ainda se limitam ao Saber: preocupam-se quando muito com a liberdade de pensar e fazem de nós pensadores livres, por uma liberação completamente teórica. No entanto, o Saber só torna livre interiormente (liberdade à qual nunca mais se deverá renunciar, por sinal), mas exteriormente, malgrado todas as liberdades de consciência e de opinião, podemos permanecer escravos, permanecer na sujeição. E, contudo, a liberdade exterior está precisamente para o Saber assim como está para a Vontade a verdadeira liberdade interior, a liberdade moral. (Max Stirner)*

Dentre os temas tratados por Lima Barreto, em sua admirável e extensa obra, está educação. Através da literatura, ele abordou a vida social sob seus diversos aspectos: organização econômica, relações de poder, influência da religião, condição da vida feminina, preconceito racial, loucura e hospícios, relação humana com o conjunto dos entes animais, vegetais e com o cosmos, cidade e uma dimensão condizente com as proporções favoráveis à convivência humana, transporte público, edificações como anais de pedra de um povo, entre outros assuntos mais. Contudo, nestes parágrafos me voltarei para o pensamento educacional de Lima Barreto, pontuando, em alguns de seus escritos, a presença desta matéria.

A ideia do artigo é chamar a atenção de interessados e estudiosos de Lima Barreto quanto a esta feição de sua obra. Também procuro sensibilizar profissionais da educação quanto às ponderações, analíticas e sugestivas, elaboradas por quem testemunhou crítica e atentamente a instauração das instituições republicanas no Brasil. A singularidade de Lima Barreto neste ponto é ter ele elaborado perspectiva alheia aos diferentes projetos de modernidade autoritária das elites dirigentes. Seu ponto de vista era assumidamente o dos setores populares, naquilo por ele denominado de “literatura militante” (LIMA BARRETO, 1956c).

## O tema da educação em Lima Barreto

Há na literatura de Lima Barreto uma vibração educacional vigorosa, radical, pouco ou nada debatida. Por que esta dimensão da sua obra não é devidamente

considerada entre seus estudiosos e interessados? Acredito ser a indisciplina (NASCIMENTO, 2006) de sua analítica, tanto diluindo as fronteiras entre as áreas do conhecimento como também procurando a ruína das hierarquias, uma das razões desta lacuna. A escola contemporânea introjeta em seus partícipes dinamismos disciplinares e disciplinadores, sendo por esta razão mais difícil, a quem tenha sido submetido a seus processos, perceber alteridades profundas. Acredito ser este o caso da não consideração dos escritos educacionais de Lima Barreto e mesmo do sentido pedagógico de sua literatura.

O tema da educação está relacionado ao campo do conhecimento. Lima Barreto desde seu primeiro livro, *Recordações do escrívão Isaias Caminha*, com primeira edição no ano de 1909, aborda estes assuntos. Neste livro ele inicia constatando o conhecimento como sendo característica particular da espécie humana comparada às demais espécies.

A tristeza, a compressão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anseios de inteligência. Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações. Eu não tinha ainda entrado para o colégio, quando uma vez me disse: Você sabe que nasceu quando Napoleão ganhou a batalha de Marengo? Arregalei os olhos e perguntei: quem era Napoleão? Um grande homem, um grande general... E não disse mais nada. Encostou-se à cadeira e continuou a ler o livro. Afastei-me sem entrar na significação de suas palavras; contudo, a entonação de voz, o gesto e o olhar ficaram-me eternamente. Um grande homem!...

O espetáculo do saber de meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquela sua faculdade de explicar tudo, aquêle seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler línguas diversas e compreendê-las, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundância e riqueza, mas também um título para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente.

Sabendo, ficávamos de alguma maneira sagrados, deificados... Se minha mãe me aparecia triste e humilde – pensava eu naquele tempo – era porque não sabia, como meu pai, dizer os nomes das estrelas do céu e explicar a natureza da chuva... (LIMA BARRETO, 1956:45-46)

Em outro escrito, originalmente elaborado para ser uma conferência em 1921, com título “O destino da literatura”, Lima Barreto evidencia ser a inteligência

característica particular do ser humano. A inteligência, individual e coletiva, resulta de processos sociais da vida necessariamente gregária dos entes humanos.

Os homens só dominam os outros animais e conseguem em seu proveito ir captando as forças naturais porque são inteligentes. A sua verdadeira força é a inteligência; e o progresso e o desenvolvimento desta decorrem do fato de sermos nós animais sociáveis, dispendo de um meio quase perfeito de comunicação, que é a linguagem, com a qual nos é permitido somar e multiplicar a força de pensamento do indivíduo, da família, das nações e das raças, e, até, mesmo, das gerações passadas, graças à escrita e à tradição oral que guardam as cogitações e conquistas mentais delas e as ligam às subseqüentes. Portanto, meus senhores, quanto mais perfeito for esse poder de associação; quanto mais compreendermos os outros que nos parecem, à primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente, ganhando com isso a nossa inteligência, não só a coletiva como a individual. A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e ideias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre, portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade. (LIMA BARRETO, 1956c: 66-68)

É bastante evidente, nestes dois escritos em particular, a concepção de inteligência enquanto expressão não estritamente individual, mas antes coletiva, significando dizer ser a inteligência processual e relacional. O saber disponível numa sociedade resulta da contribuição acumulada por diferentes gerações e povos, não sendo apanágio de alguma genialidade exclusivista. Na perspectiva limaniana, a inteligência não é psicologizada nem biologizada, isto é, não é uma resultante do volume do cérebro. Esta sua posição confronta diretamente o racismo institucional adotado pela *intelligentsia* em sua época, segundo o qual a humanidade era dividida entre dolococéfalos, pessoas com cérebros grandes, e braquicéfalos, pessoas com cérebros pequenos, instaurando uma hierarquia entre grupos humanos tidos como, respectivamente, superiores e inferiores.

Também é significativa a equiparação feita por Lima Barreto entre a linguagem escrita e a tradição oral. O bacharelismo afetado dos literatos e intelectuais da *intelligentsia* em seu tempo tinham em baixa consideração os grupos com saberes de tradição oral. Estes estudiosos estabeleciam uma hierarquia entre povos com escrita e povos sem escrita, onde a forma de designação preconceituosa dos segundos acusa uma incompletude não observada nos primeiros. Acredito ser supérfluo dizer ser esta concepção uma forma de reforçar os preconceitos raciais, regionais e de

classe. Lima Barreto possuía este discernimento quando combatia o formalismo gramatical dos literatos consagrados, entendendo neste procedimento criticado uma forma de naturalizar assimetrias, dominismos e explorações.

Outro tema encontrado em Lima Barreto é o propalado mérito intelectual como critério de colocação nos postos de trabalho sob o republicanismo. Os dramas e desventuras vividos por Isaias Caminha, quando de sua chegada ao Rio de Janeiro, demonstram a insuficiência do mérito intelectual enquanto pretensa qualidade inerente à república. Os adeptos da república, quando de sua inauguração, a apresentavam como sendo essencialmente isonômica, tendo posto fim aos privilégios e regalias existentes no período imperial. Isaias Caminha acreditava nesta propaganda republicana, mas Lima Barreto tensiona esta crença socialmente acolhida. Sua decisão de ir de seu lugarejo para o Rio de Janeiro sustentava-se nessa certeza. Teve notícias de um colega seu do colégio cuja estadia na capital federal estava sendo coroada de êxitos.

Um dia, porém, li no *Diário de \*\*\** que o Felício, meu antigo discípulo, se formara em Farmácia, tendo recebido por isso uma estrondosa, dizia o *Diário*, manifestação dos seus colegas. Ora o Felício! pensei de mim para mim. O Felício! Tão burro! Tinha vitórias no Rio! Porque não as havia eu de ter também – eu que lhe ensinara, na aula de português, de uma vez para sempre, diferença entre o adjunto atributivo e o adverbial? Porque!? (LIMA BARRETO, 1956a: 48)

Isaias consegue carta de recomendação do coronel da sua localidade, através da mediação de seu tio. Esta carta visava facilitar a instalação de Isaias no Rio de Janeiro com o apoio do deputado Castro, correligionário do coronel. Isaias teria emprego na capital federal, sendo possível, com este suporte imprescindível, prosseguir seus estudos e formar-se doutor.

A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria às aulas, e todo o fim de ano, durante seis, faria os exames, ao fim dos quais seria doutor! Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímodo de minha côr... Nas dobras do pergaminho da carta, traria prêsa a consideração de tôda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não



titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro.  
O flanco, que a minha pessoa, na batalha da vida, oferecia logo aos ataques dos bons e dos maus, ficaria mascarado, disfarçado...  
Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos... Era um *pallium*, era alguma coisa como clâmide sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis, com o comum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-entanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sôbre-humano... (LIMA BARRETO, 1956a: 54)

Entretanto não se passa assim com Isaias Caminha. No seu caso, possuidor dos predicados necessários para o trabalho intelectual, tendo obtido excelentes notas nos exames quando no colégio, a ponto de ser visto como uma futura notoriedade intelectual por sua professora, no Rio de Janeiro ele não consegue sequer estabelecer alguma interlocução intelectual. Nas novas condições sociais envolvendo Isaias, quando procurava superar os desafios postos, o mérito intelectual inexistiu. A depender das variáveis em andamento, quando de circunstâncias específicas, há diversos filtros e engenhosos mecanismos sociais anulando as qualidades intelectuais de alguém como Isaias. “Eu estava só” é a frase seca, dura e gelada, encerrando o capítulo seis. Nesta parte do livro, Isaias apresenta como chegou a perceber seu isolamento compulsório.

Entretanto, quantas dores, quantas angústias! Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem. Cercam-me dois ou três bacharéis idiotas e um médico mezinheiro, repletos de orgulho de suas cartas que sabe Deus como tiraram. Claudicam na ortografia, e um mesmo, o juiz municipal, acaba de publicar um artigo no *Diário de Caxambi* sôbre a “Sociedade atual em face da Ciência”, onde fala em raios hertzianos. Entretanto, se eu amanhã lhes fosse falar neste livro – que espanto! que sarcasmo! que crítica desanimadora não fariam. Depois que se foi o doutor Graciliano, excepcionalmente simples e esquecido de sua carta apergaminhada, nada digo das minhas leituras, não falo das minhas lucubrações intelectuais a ninguém, e minha mulher, quando me demoro escrevendo pela noite fora, grita-me do quarto:

- Vem dormir, Isaias! Deixa esse relatório pra amanhã! (LIMA BARRETO, 1956a: 120-121)

A interlocução, o diálogo, a conversação são condições *sine qua non* na atividade intelectual. O trabalho intelectual exige a realização de interação oral, do exercício da escrita e da leitura atenta. Estas três atividades, sem esquecer a observação cuidadosa e criteriosa, são constituintes da prática do estudo e análise da vida social humana. Isaias foi preterido desta ambiência dialógica ao ter sido condenado à solidão, ao ostracismo, portanto, impedido da comunhão social nas suas várias dimensões.

Houve um furto no hotel em que se hospedara. Quem foi apontado como suspeito? O “mulatinho” Isaias Caminha. O delegado intima Isaias para prestar depoimento na delegacia. O interrogatório aparece no capítulo cinco do livro como o cumprimento mecânico dos meros procedimentos burocráticos anteriores à condenação certa. O delegado debocha e desdenha de Isaias por ele afirmar sua condição de estudante.

- Qual é a sua profissão?
- Estudante.
- Estudante?!
- Sim, senhor, estudante, repeti com firmeza.
- Qual estudante, qual nada! (LIMA BARRETO, 1956a: 116).

O resultado deste interrogatório foi a prisão de Isaias quando expectorou um “imbecil!” ao delegado, após ter sido acusado por esta autoridade policial de ser “gatuno”. Noutra situação Isaias decide procurar emprego. Vê no jornal a possibilidade de trabalhar como entregador numa padaria. A passagem descrita no capítulo seis é reveladora de como a analítica limaniana percebia estarem preteridos da comunhão social os que possuíam a pele negra. A abolição da escravatura negra e a inauguração do regime republicano, onde todos os integrantes são legalmente colocados não mais como súditos, mas sim como cidadãos em mesmo pé de igualdade, não conseguiram extirpar da vida social o preconceito racial e suas desdobras.

- Foi o senhor que anunciou um rapaz para...
- Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
- Sou, pois não.

O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:

- Não me serve.
- Porque? atrevi-me eu.
- Porque não me serve.

E veio vagorosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobrira uma espécie de sitio pôsto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Fácilmente generalizei e convenci-me de que êsse seria o proceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer cousa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquêlo ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta fôrça de vontade, tanta energia com cousas em que os outros pouca gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro. Que diabo! eu oferecia-me, êle não queria! que havia nisso demais? (LIMA BARRETO, 1956a: 127-128).

Apenas o recurso a expedientes suspeitosos remediavam esta situação. Novamente não é o mérito intelectual, mas as relações de dependência e favoritismo. O “pistolão” aparece de forma recorrente na obra de Lima Barreto (2016b: 379-410) como sendo o meio de se conseguir emprego, quer público quer privado. Este expediente é a forma de encaminhar traficância de influências, mantendo relações fisiológicas dentro das instituições sociais. O mérito profissional seria submetido à função subalternizadora. Isaias, por conta da intercessão de Agostinho Marques, outro seu colega de colégio, findou conseguindo emprego como contínuo no poderoso jornal *O Globo*. Este é o nome fictício do jornal *O Correio da Manhã* em que Lima Barreto (1997) tinha trabalhado como repórter registrando a modernização da cidade do Rio de Janeiro com a derrubada do morro do Castelo e abertura de avenidas, bulevares e ruas no centro da cidade no ano de 1905.

Lima Barreto elabora uma avaliação do conhecimento como próprio à sociabilidade humana, intrinsecamente relacionado às dinâmicas sociais, envolvendo e emoldurando as capacidades e faculdades intelectuais individuais. Neste diapasão surgem suas críticas à ideia republicana do mérito intelectual como o único e suficiente meio de ascensão social na sociedade. Consideremos o campo da educação visto convencionalmente como aprendizado de conteúdos técnicos, históricos e informacionais. Na educação anarquista, e aqui situo o caso de Lima Barreto, há



valorização, ao lado, contígua e simultaneamente ao aprendizado, da *desaprendizagem*. Vejamos um pouco mais sobre este assunto.

## Desaprendizagem e iconoclastia na educação

O recorrente procedimento de Lima Barreto em se afirmar desconhecedor das matérias sugeridas, por exemplo, nos livros que recebia a fim de elaborar comentários e observações (LIMA BARRETO, 1956c), tem muito mais relação com uma intencionalidade pedagógica do que desconhecimento de fato. O ambiente intelectual no qual vivia era dominado por bacharéis, doutores, literatos e intelectuais cuja característica mais destacada era o pedantismo. Lançavam mão do título ou do *status* adquirido com as letras para afirmar hierarquias, inibindo leitores ou interlocutores.

Possuir tais indicadores de distinção tinha o efeito, nesta ambiência de constrangimento, de colocar um titulado numa posição de ascendência sobre aqueles desprovidos destas distinções. Ao anunciar seu desconhecimento deste ou daquele assunto, Lima Barreto colocava-se em igual posição da de seu interlocutor. Sua didática, ao comentar os livros que recebia, objetivava não coagir, constranger ou diminuir seu parceiro de assunto. Também tinha o efeito de procurar contagiar seu leitor no *desaprendizado* e abandono de atitudes pernósticas.

Em sua literatura este intento de afastamento de conceitos elaborados *a priori* está fortemente presente. Lima Barreto procura inclinar o estudante, como o estudioso, à abolição dos preconceitos e dos costumes naturalizadores de violências recíprocas, dos hábitos legitimadores de assimetrias sociais. Esta expressão está manifesta desde seu primeiro livro. Numa passagem reflexiva, através de seu personagem principal, Isaias Caminha, Lima Barreto anuncia seu intento de *desaprendizagem*, procurando contagiar e transformar o leitor, de forma a este repudiar costumes coercitivos e pré-noções enrijecidas, adotando posturas acolhedoras das singularidades.

Mas, não é a ambição literária que me move o procurar êsse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obriga-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade

quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, senão merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença. (LIMA BARRETO, 1956a: 120)

Em outro seu escrito intitulado “Uma simples nota”, recusa os etapismos dos comentadores esquemáticos de literatura, quando apresentam a boêmia como sendo exclusiva do romantismo. Lima Barreto contesta esta certeza de seu tempo demonstrando ter existido boêmia em várias épocas. Encerra a crônica afirmando a necessidade de iconoclastia nos estudos:

Para findar, resumo o meu pensamento; todas as épocas literárias tiveram os seus boêmios, mesmo o romantismo. Por isso, convém não qualificar a boêmia como sendo desta ou daquela. “A horrível mania da certeza”, de que fala Renan, leva mais a enganos do que a dúvida sistemática. Quem quer acertar, deve duvidar antes, durante e depois... (LIMA BARRETO, 2004b: 270)

O conhecimento, a atividade intelectual, não deveria ser instrumentalizado para fins de odiosas hierarquias. Este é o teor da crítica de Lima Barreto aos títulos de distinção, inclusive o de doutor. Comentando as intenções da criação de universidade no Brasil em inícios do século XX, Lima Barreto (2004b, 152-154; 215) em duas crônicas de mesmo título, “A Universidade”, critica na proposta a existência de processos de sacralização das desigualdades sociais, com o aprofundamento, junto à população, de uma “superstição doutoral” com suas aparatosidades e privilégios. Suas reflexões, no entanto, abrigam sugestões. Para ele

Os estudos propriamente de medicina, de engenharia, de advocacia, etc., deviam ficar separados completamente das doutrinas gerais, ciências constituídas ou não, indispensáveis para a educação espiritual de quem quer ter uma opinião e exprimi-la sobre o mundo e sobre o homem.

A esse ensino, o Estado devia subvencionar direta ou indiretamente; mas o outro, o técnico, o de profissão especial, cada um fizesse por si, exigindo o Estado para os seus funcionários técnicos que eles tivessem um estágio de aprendizagem nas suas oficinas, estradas, hospitais, etc...

Sem privilégio de espécie alguma, tendo cada um de mostrar as suas aptidões e preparo na livre concorrência com os rivais, o nível do saber e da eficiência dos nossos técnicos (palavra da moda) havia de subir muito. (LIMA BARRETO, 2004b: 153)

Em outra crônica intitulada “A instrução pública”, Lima Barreto comenta anunciadas reformas na instrução pública. Neste seu escrito denuncia o estabelecimento de uma espécie de nova nobreza, cuja marca distintiva seria o título de doutor. Refere-se mesmo a tendência em se instaurar, junto à criação da universidade, uma “teocracia doutoral”. Para ele, quanto mais se estende a titulação de doutor mais “o nível da instrução vai baixando” (LIMA BARRETO, 2004a: 179). Nesta altura da crônica, ele enceta sugestões.

Se o governo quisesse extirpar o mal, não deveria manter absolutamente esses cursos seriados.  
No que toca à instrução secundária, ainda poderia manter liceus, nos bairros, e prover, de fato, a instrução secundária, no distrito, sem esquecer que o deve fazer também para as moças.  
A instrução superior não devia ter seriação alguma.  
O governo subvencionaria lentes, ajudantes, laboratórios, etc., sem prometer, ao fim do curso, que o estudante seria isto ou aquilo: bacharel ou dentista; engenheiro ou médico.  
O estudante faria mesmo a escolha das matérias que precisasse, para exercer tal ou qual profissão.  
Hoje, as profissões liberais se entrelaçam de tal modo e se dividem de tal forma, que prender uma cabeça em um curso é obrigá-la a estudar o que não precisa estudar e não aprender o que precisa aprender.  
No mais, a mais livre concorrência... (LIMA BARRETO, 2004a: 179-180)

Em continuação a esta crônica, Lima Barreto detalha um pouco mais suas apreciações quanto à necessidade de instrução para as moças, além de indicar outras medidas para a criação e difusão de escolas destinadas a um maior contingente da população.

Acresce ainda que o governo sempre se esqueceu o dever de dar instrução secundária às moças.  
É um esquecimento de lamentar, porquanto toda a gente sabe de que forma a influência de uma educação superior da mulher iria influir nas gerações.  
Toda a instrução secundária das moças está limitada à Escola Normal, também estabelecimento fechado em que se entra com as maiores dificuldades.  
Se há alguma coisa a fazer em instrução que não seja a de fabricar doutores, é extinguir todos os colégios militares e o Pedro II, criando por todo o Rio de Janeiro liceus, ao jeito dos franceses, para moças e rapazes, de forma que os favores do Estado alcancem todos.

Os colégios militares são sobretudo um atentado ao nosso regime democrático; é preciso extingui-los e aproveitar os respectivos professores e material, na instrução da maioria. Pelo menos, a República devia fazer isso. (LIMA BARRETO, 2004a: 181)

## O estudante como ser político

Outro ponto importante nos escritos de Lima Barreto diz respeito à relação saber e vida. Nesta direção o estudo deveria fazer sentido na vida pessoal do estudante. Processos de coação embutidos num ensino compulsório, em que matérias são impostas à revelia da vontade do estudante, não fazem parte da concepção educacional de Lima Barreto. O estudante deveria ter a liberdade de escolher o assunto a estudar, encontrando no ambiente de estudo o acolhimento de suas inquietações intelectuais. O estudante é um ser político e seus gestos e atitudes devem ser vistos como tais.

Nas *Cartas de um matuto e outros causos*, o coronel Tibúrcio d'Annuniação informa sua comadre Thereza da Conceição sua decisão em ter aulas de francês para uso em sua viagem pela Europa. Reclama do método do professor, cujo ensino gramatical não atendia às necessidades do seu interessado aluno. Dois versos da carta em que está seu protesto quanto a forma de ensino do professor de francês, são reveladores deste entendimento. Vejamos.

Perdí, não sei quantos dia,  
Veja só que professô!  
Escrevendo no papé:  
    *A rosa é uma fulô.*  
    - *Minha irmã tem um jardim,*  
    - *Meu irmão é caçadô,*  
    - *Meu tio tem três moeda,*  
    - *A moeda tem valô.*

Entonce aí protestei,  
- "Quá moeda! Qué irmão!...  
Seu mestre, eu quero sabê,  
É como se chama *pão*,  
*Carne seca, arroz, farinha,*  
*Linguiça, óvos, feijão,*  
Como se pede um criado  
Uma toáia, o sabão". (LIMA BARRETO, 2016a: 82).



Os processos de exames e provas eram desaprovados por Lima Barreto por serem apenas fonte de torturas, atormentando a vida dos estudantes. Também por darem ar de legitimidade a exclusões arbitrárias. Noutra carta, o coronel Tibúrcio relata a sua comadre o estado de apreensão e agonia vividos por estudantes numa escola de medicina. Vejamos os versos iniciais em que trata dos exames.

Comade, te escrevo esta  
Com meu estambo embriuido  
Por tê visto cada coisa  
Que me botou espantado;  
Tombém não sei que tolícia  
Foi eu tê me incomodado  
Pra i vê tanta porqueira  
Adonde não fui chamado.

Como agora aqui na Côrte  
Não tenho mais o que vê,  
Perкуро tudo que é novo  
Pra espiá e conhecê;  
Ansim foi ainda há pouco,  
Fui andando e sem querê  
Fui dá co'os ósso na Escola  
Que é mêmo d'ocê tremê!

É adonde os moços estuda  
Pra formá e sê doutô,  
Receitá, dá vomitório,  
Dá purgante e suadô;  
Pois, mia comade Thereza,  
Eu ví lá tantos horrô,  
Que nem sei como é que os moço  
Não briga co'os professô.

A escola da medicina  
Na hora que lá cheguei,  
Como tinha as porta aberta  
Nem bati parmas, entrei;  
Os moço que eu fui topando  
A todos eles sodei,  
Até que um conhecido  
Mais adiente topei.

O moço foi me encarando  
E veio cumprimentá:  
- "Ora viva, senhô conde,  
Muita honra em lhe sodá!  
Entonces que novidade  
Foi que lhe trouxe por cá?





Si qué percorrê a escola  
Eu posso lhe acompanhá.

“Agora é tempo de exame  
Tem muita coisa pra vê,  
Eu mêmo daqui a pouco  
Tenho exame pra fazê;  
Arrepare, senhô conde,  
Como é que eu tou a tremê,  
Com medo de arguma bomba  
Que é quasi certo havê!”

Eu recuei uns três passo  
E disse muito assustado:  
- Então adeus, que eu não posso  
Tá num logá revortado!  
Já sou véio, pae de fio,  
E aqui eu tou arriscado,  
Que uma bomba n’ê brinquedo,  
Faz um estrago danado!

O moço entonce expricou  
Tapando a boca co’a mão:  
- Ocê não corre perigo,  
Bomba aqui não mata, não!  
A gente só leva ela  
Quando não traz *pistolão*,  
E se dá *tiros* e foge  
Ou se embrúia nas *questão!* (LIMA BARRETO, 2016a: 93).

Na crônica “Os exames”, Lima Barreto qualifica de “tolas superstições” medievais o exame escolar, dentre outras práticas instituídas e naturalizadas na sociedade e nas escolas. Ele mesmo foi vítima de abusões e arbítrios quando estudante na Escola Politécnica. Vejamos alguns parágrafos desta breve crônica.

O *Jornal do Comércio* conta hoje uma trapalhada de exames acontecida na nossa Escola Normal, que as moças confundem com a Escola Normal de França.

Sei perfeitamente dessas coisas de exames; eu os fiz muito e a única vez que consegui tirar distinção, foi quando fiz exame com uma moça, na mesma mesa, no mesmo dia, por capricho e esforço de vontade.

(...)

Este caso da Escola Normal, passado entre moças, por demais capazes de atravessarem essas coisas de exame, vem mais uma vez provar que, atualmente, nós vivemos apegados a tolas superstições.

O exame é uma delas, é resto da escolástica, é resto do ensino do grande jesuíta Laynez Swift. O grande e imenso Swift, quando certa vez fazia exame de lógica, sujo, maltrapilho, mas orgulhoso dele mesmo, os examinadores perguntaram-lhe:

- Como é que o senhor raciocina sem saber lógica?

- Meu caro senhor, respondeu Jonathan, eu raciocino perfeitamente. Os exames, os doutores, bacharéis, os médicos, toda essa nobreza doutoral que nos domina e apóia os negociastas, é o maior flagelo desta terra que os utopistas querem seja o paraíso terrestre. (LIMA BARRETO, 2004a: 176)

Como é possível de se perceber nestes trechos, os exames são questionados enquanto processos medievais, cuja característica maior é a tortura dos estudantes. A crítica de Lima Barreto também não deixa de lado a violência destes procedimentos, pois os estudantes não são considerados em suas particularidades. O exame impõe um patamar a ser alcançado por todos e em desconsideração com as aptidões, habilidades e inclinações pessoais. É uma espécie de régua usada para punição dos que não se adequam de maneira satisfatória aos esquadros acanhados fabricados por pretensas sumidades. O uso premiador da régua é apenas o reverso da sua face punitiva. Premiar uns é punir outros, por outros caminhos.

### **Considerações finais**

Encaminhando o encerramento desta comunicação, Lima Barreto percebia o estudante não como um ser de segunda categoria a ser guiado, examinado, aferido, tutelado e, assim, diminuído em suas dignidades. O estudante, para Lima Barreto, é um ser político e politicamente ele aborda o tema da educação, recusando a ênfase na sua psicologização. A *desaprendizagem* remete a uma ambiência social envolvente, contra a qual é preciso se embater por ser coercitiva, repressiva, obscurantista, portanto, injusta.

Seus escritos contêm indisciplinadamente suas reflexões neste campo. Clara dos Anjos (LIMA BARRETO, 2010: 203-210), moça suburbana, de pele escura e empobrecida, era inteligente e com razoáveis domínios no campo do conhecimento. Sofreu humilhação e o escracho da mãe de Júlio. Ela tinha cedido a seus apelos e seduções, engravidando do cantor de modinhas. Grávida e abandonada, decide apelar para a mãe de Júlio. Esta mãe não deixa de projetar sobre Clara todo o seu preconceito de gênero, de classe e de raça.

Os contos “O homem que sabia javanês” (LIMA BARRETO, 2010: 58-64) e “Harakashy e as escolas de Java” (LIMA BARRETO, 2010: 124-132) condensam as

críticas corrosivas de Lima Barreto quanto às iniciativas governamentais no campo da educação. Castro não sabia nada de javanês, mas por ter conseguido estabelecer relações com um rico é indicado por este para ser representante do Brasil num congresso internacional de línguas como eminente filólogo nacional. Tomando Java como metáfora para o Brasil, as escolas de lá, como as daqui, consagravam nulidades intelectuais e estabeleciam assuntos pueris em seus programas escolares. No livro póstumo *Os Bruzundangas* (LIMA BARRETO, 1956b) este e outros aspectos da vida intelectual brasileira foram plasmados no imaginário e ridículo país.

Remeto o leitor às referências a fim de consultar, caso interesse tenha, aspectos gerais e particulares das concepções e realizações dos anarquistas no campo educacional. Retomo aqui a ideia inicial de *desaprendizagem* e indisciplina como uma das características da educação anarquista. Os textos dos clássicos como dos pioneiros, na Europa e no Brasil, expostos nas referências, são elucidativos para se pensar uma educação ausente de processos punitivos, de prêmios e distinções.

As escolas anarquistas registradas na história do movimento tinham o particular de procurar diluir vida e conhecimento, saber e poder, colocando o estudante em relação de igualdade com o seu professor e até mesmo estendendo para além da figura do professor o papel educacional. Uma educação caracterizada pela ausência de explicações sobrenaturais, cultivando o pensamento crítico no estudante e o engajamento no mundo mediato e imediato.

Enfim, a educação anarquista defende a prática constante da capacidade de observação do estudante, sem receituários nem programas, procurando a abolição dos dominismos, explorações, preconceitos e obscurantismos de quaisquer tipos. Neste campo libertário encontramos o pensamento educacional de Lima Barreto. Pesquisando seus escritos, indisciplinados, indisciplinados e vigorosos, podemos vislumbrar uma pedagogia radical, uma pedagogia da *desaprendizagem*.

## Referências Bibliográficas

BAKUNIN e outros. **Educação libertária**. Tradução de José Claudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CARVALHO, Florentino et ali. **Educação anarquista** – saberes, ideias, concepções. São Paulo: Editora Marginal, 2012. v. 1.

CODELLO, Francisco. **“A boa educação”**: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill: volume I. Tradução de Sile Cardoso. São Paulo: Imaginário; Ícone, 2007.

CORRÊA, Guilherme. **Educação, comunicação, anarquia**: procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

JOMINI, Regina Celia Mazoni. **Uma educação para a solidariedade**: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha. Campinas: SP; Pontos, 1990.

LIMA BARRETO, **Recordações do escrivão Isaias Caminha**. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. Organização de Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956a. (Coleção Obras Completas – I).

\_\_\_\_\_. **Os Bruzundangas**. Prefácio de Osmar Pimentel. Organização de Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956b. (Coleção Obras Completas – VII).

\_\_\_\_\_. **Impressões de leitura**. Prefácio de M. Cavalcanti Proença. Organização de Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956c. (Coleção Obras Completas – XIII).

\_\_\_\_\_. **O subterrâneo do Morro do Castelo**. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

\_\_\_\_\_. 1881-1922. **Toda Crônica**: Lima Barreto. Volume I (1890-1919). Apres. e notas Beatriz Resende; org. Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004a.

\_\_\_\_\_. 1881-1922. **Toda Crônica**: Lima Barreto. Volume II (1919-1922). Apres. e notas Beatriz Resende; org. Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Contos completos de Lima Barreto**. Organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cartas de um matuto e outros causos**. Organização de Rogério Nascimento. Campina Grande; PB: Bagagem; EDUFCEG, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Sátiras e outras subversões**: textos inéditos. Organização, introdução, pesquisa e notas Felipe Botelho Corrêa. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016b.

LIPIANSKY, Edmond-Marc. **A pedagogia libertária**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Nu-Sol; Imaginário; SOMA – Coletivo Anarquista Brancaleone, 1999.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino. **Indisciplina**: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil. Tese de doutoramento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2006.

PASSETTI, Edson; AUGUSTO, Acácio. **Anarquismos & educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & educação).

SILVA, Jomar Ricardo da. **A educação da mulher em Lima Barreto**. Campina Grande – PB: EDUEPB, 2010.

STIRNER, Max. **O falso princípio de nossa educação**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2001.

TOMASSI, Tina. **Breviario del pensamiento educativo libertario**. 2ª ed. Cali, Colombia: Asociacion Artistica “La Cuchilla”, 1988.